

**A C I  
D A D E  
E A S  
S E R  
R A S**

**eça de  
queirós**

**textos  
informativos:  
fátima  
mesquita**



© Panda Books

Diretor editorial <i>Marcelo Duarte</i>	Projeto gráfico e capa <i>Casa Rex</i>
Diretora comercial <i>Patth Pachas</i>	Diagramação <i>Carla Almeida Freire</i>
Diretora de projetos especiais <i>Tatiana Fulas</i>	Fotos <i>p. 15: Honoré de Balzac © Louis-Auguste Bisson/Domínio público;</i> <i>Alfred de Musset © Charles Landelle/Musée d'Orsay</i>
Coordenadora editorial <i>Vanessa Sayuri Sawada</i>	<i>p. 47: © Ank Kumar/CC BY-SA 4.0</i> <i>p. 113: © Arielinson/CC BY-SA 4.0</i> <i>p. 186: © Ptkfgs/Domínio público</i>
Assistentes editoriais <i>Olívia Tavares</i> <i>Camila Martins</i>	Estabelecimento de texto <i>Ronald Polito</i>
	Notas <i>Fátima Mesquita</i>
	Mapa de personagens e preparação <i>Mayara Freitas</i>
	Revisão <i>Cristian Clemente</i>
	Impressão <i>BMF</i>

Este livro foi estabelecido com base na primeira edição, de 1901, publicada por Livraria Chandron, Porto, Portugal.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q43c

Queirós, Eça de, 1845-1900

A cidade e as serras / Eça de Queirós. – 1. ed. – São Paulo:  
Panda Books, 2021. 256 pp. il.

ISBN: 978-65-5697-093-6

1. Ficção portuguesa. I. Título.

Bibliotecária: Camila Donis Hartmann – CRB-7/6472

21-72399

CDD: P869.3

CDU: 82-3(469)

2021

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

## O QUE É UM CLÁSSICO?

Não sei você, mas pra mim “clássico” mesmo é jogo de futebol, tipo Fla X Flu, Coringão X Porco, Brasil X Argentina. Só que, na escola, os professores de português e de literatura cismavam em dizer que “clássico” eram os livros chatos que eles queriam porque queriam que a turma toda lesse. Ah, e não bastava empurrar pra cima da gente livro velho de fala complicada que a gente mal entendia. Além disso, eles ainda queriam que a gente fizesse exercício e prova sobre os textos. Pode haver castigo maior? E por que é assim?

Na minha aventura para tentar entender esse grande mistério da humanidade, comecei checando no dicionário o que quer dizer a palavra “clássico”. A definição varia de A a Z, mas lá pelas tantas diz mais ou menos assim: “Obra que se mantém ao longo dos tempos, que se tornou um modelo de inspiração, que pela sua qualidade obteve consagração definitiva”.

Beleza. Pra mim, saber melhor o que é considerado um “clássico” já ajudava a entender muita coisa, mas não mudava a minha opinião de que os clássicos eram uns chatos de galocha! E eu segui batendo nessa tecla por muito tempo, até que resolvi reler livros que eu havia empurrado com a barriga na escola pra ver se dava para acabar com essa conversa de sempre: de que os tais “clássicos da literatura brasileira” eram uns livros mais chatos que bêbado contando sonho. E, galera, vou admitir: quanto mais eu lia, mais eu gostava do que eu lia e mais eu me espantava com isso :)

## SAIU MEIO MAL NA LARGADA

As coisas começaram meio tortas pro nosso José Maria de Eça de Queirós. Quando ele nasceu, no finalzinho de novembro de 1845, lá no interior de Portugal, a mãe o deixou para ser criado por uma ama. A certidão de nascimento do guri também saiu sem o nome dela – esse perrengue só foi ajeitado depois dos quarenta anos de idade do sujeito. O rolo era que a mãe dele era de uma família metida a fina, que não aprovava o candidato a marido, que era brasileiro e vinha de uma camada social mais baixa.

O casamento dos pombinhos, então, só se desenrolou quando a mãe da mãe do Ecinha morreu. Naquela altura, o garoto já tinha quatro anos de idade. Mas se engana quem acha que com o casório Eça passou a viver com uma família toda fofa feito aquelas de anúncio de margarina. Que nada! O menino cresceu mesmo foi com os avós paternos, que botavam alguns criados para cuidar do moleque. E, assim que possível, os avós o despacharam de boa para um colégio interno, de onde o guri saiu só quando fez dezesseis anos.

Do internato, nosso autor foi direto para a Universidade de Coimbra. Lá, seguindo os passos do pai, estudou direito. O rapaz chegou até a montar um escritório de advocacia depois de formado, mas assim que deu ele mudou de carreira e se tornou um diplomata.

Ainda na facul, Eça virou amigo de uns parças interessados em fazer literatura e começou a publicar seus escritos em jornais e revistas de Portugal e também do Brasil. Nosso autor até fundou umas duas publicações, mas foi a diplomacia que, de fato, sustentou o cara ao longo de sua vida.

Eça passou outras longas temporadas longe de Portugal. Por conta do trabalho como diplomata, morou em Cuba, na Inglaterra e na França. Foi lá em Paris, aliás, que ele, já quarentão, casou com a irmã de um amigo seu. Com a dona Emília, ele teve quatro filhos. Foi também na França que Eça morreu, no dia 16 de agosto de 1900. Hoje seus livros – inclusive este aqui, que foi publicado após a morte do autor – estão em quase toda parte do mundo, tendo sido traduzidos em cerca de vinte línguas.

## **DANDO A REAL**

O Realismo foi um movimento, uma nova levada que surgiu na literatura da segunda metade do século XIX e que se opunha à fase literária anterior, que era o Romantismo. No Realismo, os escritores davam a real das coisas. A treta deles era observar e analisar o mundo tal como ele se apresentava e depois passar isso tudo direitinho para o papel.

Autores realistas adoravam meter ciência no meio de tudo e curtiam dissecar mais o ambiente social que a natureza. Eles

também não eram chegados a fru-fru. O amor para eles era menos suspiros e palpitações e muito mais um desejo do corpo e/ou um jogo de aparências sociais, por exemplo. Na literatura deles não havia espaço para ninguém posar de herói. As descrições falavam de coisas fedidas, quebradas e sujas. De gente normal, com verruga no nariz, espinha na testa, gulosa, barriguda, que mentia, que tinha defeitos.

Satírico, crítico, implacável e muitas vezes genial, Eça causou polêmica no Portugal caretão daquela época. A Igreja Católica, em especial, vivia descendo o sarrafo nele. Governantes e até a intelectualidade tradicional também faziam biquinho de “não curti” para os textos dele. Mas a verdade é que o público gostava e, mais ainda, a obra dele resistiu ao tempo. Tanto que, ainda agora, quase duzentos anos depois, cá estamos nós falando dele, né, não?

### **ESSE EÇA...**

Esse Eça nosso, que veio de um Portugal mais rural e atrasadão, morou em Paris quando a cidade era uma espécie de centro do mundo, ditando moda para todo lado. O que estourasse por lá – no teatro, na literatura, na pintura, na escultura, na música, na culinária... – estourava no mundo todinho e mais além. Gente de tudo quanto era canto do globo copiava o que rolava na Cidade Luz: manias, novidades, vocabulário... tudo!

Pois Eça estava ali, bem no miolo do babadão e bem quando o mundo parecia girar mais depressa que nunca, com novidades tecnológicas pipocando sem parar, metamorfoseando a maneira como as pessoas viviam. As carruagens puxadas a cavalo, *boom*: agora ganhavam motores. Telefone, telégrafo, engenhocas movidas a vapor, eletricidade nas casas e nas ruas, elevadores, máquinas, máquinas e mais máquinas! Todas elas barulhentas, exigindo atenção, mudando o ritmo do dia a dia.

E ele se perguntava: mas tudo isso, tanta novidade, e as pessoas? Como elas estão? Mais felizes? A vida ficou mais legal? Eça, então, pega na mão da gente e vai mostrando que não. Ele nos avisa até que está é com saudade daquele Portugal meio paradão que ele também conhece bem. Está com

saudade da comida simples, da vida sem pressa, da calma do campo.

Este livro, então, é isso. É como se o autor fizesse uma lista de prós e contras, comparando a cidade e o campo, o urbano e o rural. E, no final, dissesse pra gente: “Ué, talvez seja melhor um pouco de cada mundo, sem o novo matar e se esquecer do velho. Com o moderno respeitando e aprendendo com o tradicional”. E esse é um papo antigo, de dois séculos atrás, mas também atual, porque estamos aqui e agora vivendo questões semelhantes: como vivemos neste aglomerado high-tech chamado cidade grande sem acabar com a natureza? O que vai ser dos bichos, das plantas, da água, do clima? Como é que faz para curtir o conforto da vida, mas garantindo ar não poluído?

Eça lança também perguntas legais sobre a felicidade. Smartphone, TV de duas mil polegadas, aplicativo disso e mais daquilo, a última versão do console mais titubunda total, do game mais irado, o relóginho que acompanha seus exercícios físicos, séries e filmes novos toda hora, toda hora... Está tudo aí. Mas quem está feliz?

Resumindo, o livro pode parecer chato por usar um português antigo e longe do padrão nosso, o brasileiro. Mas se você driblar esse detalhe – e a gente encheu o texto de **ajudas turbinadas** para que sua leitura fique mais tranquila –, vai ver que a conversa que a trama provoca continua relevante. Vai também se divertir com as trapalhadas de dois brôs muito chegados, o narrador Fernandes e o protagonista Jacinto. Bora lá?

Fátima Mesquita

 Fotos para contextualizar a cena.

 Sugestões de pesquisa na internet.

 Comentários curtos e curiosidades.

 Dicas de vídeos para assistir on-line.

Significado de palavras e expressões em **vermelho**.

# SUMÁRIO

I	11
II	25
III	36
IV	51
V	71
VI	84
VII	97
VIII	113
IX	153
X	187
XI	199
XII	206
XIII	212
XIV	224
XV	232
XVI	235
Advertência	251



# I

O meu amigo Jacinto nasceu num palácio, com 109 contos de renda em terras de semeadura, de vinhedo, de cortiça e d'olival.

No Alentejo, pela Estremadura, através das duas Beiras, densas **sebes** ondulando por colina e vale, muros altos de boa pedra, ribeiras, estradas, delimitavam os campos desta velha família agrícola que já **entulhava** grão e plantava **cepa** em tempos d'el-rei **D. Dinis**. A sua quinta e casa senhorial de **Tormes**, no Baixo Douro, cobriam uma serra. Entre o Tua e o Tinhela, por cinco fartas léguas, todo o torrão lhe pagava **foro**. E cerrados pinheirais seus negrejavam desde Arga até ao mar d'Âncora. Mas o palácio onde Jacinto nascera, e onde sempre habitara, era em Paris, nos Campos Elísios, nº 202.

Seu avô, aquele gordíssimo e riquíssimo Jacinto a quem chamavam em Lisboa o *D. Galião*, descendo uma

**Sebe:** cerca.

**E** Entulhar é encher um vão, no caso a terra.

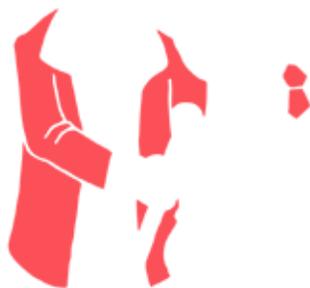
**Cepa:** caule da videira.

*Dom Dinis I virou rei de Portugal em 1279 e reinou dos 17 aos 46 anos de idade. Ele escrevia poesia e deu a maior força para a agricultura, por isso era chamado de Rei Poeta ou Rei Lavrador. Também decretou que a língua oficial deixasse de ser o latim para o que batizou de "português" – que era a utilizada pelo reino.*

*Já a casa de Tormes existe mesmo na vida de Eça. Era de sua mulher Emília de Castro, que a herdou de seus pais. Eça passou algumas temporadas na casa, mas foi sua filha, Maria Eça de Queirós, quem morou por lá. A residência e a região teriam servido de inspiração para este livro e o local depois virou sede da Fundação Eça de Queirós.*

**E** Foro é um tipo de aluguel das antigas cobrado pelo uso de terra ou imóvel.

**8** O infante é filho do rei, mas não o herdeiro da coroa.



Miguel, filho do rei João VI e irmão de Pedro I do Brasil queria o trono e tinha seus partidários (os miguelistas). Já os liberais, lutavam pelo fim do absolutismo e eram apoiados pelos maçons (os pedreiros-livres). Ao tentar arrancar a coroa de seu pai, Miguel foi exilado (desterrado) em 1824, indo para Viena, Áustria. Após a morte do rei, o herdeiro era dom Pedro I, mas ele havia declarado a Independência do Brasil e, não querendo largar o osso, enviou sua filha, Maria da Glória, ainda pequena, assumir o reino português. Miguel, então, arquitetou um trelê para ficar noivo da sobrinha. Assim, voltaria a Portugal como regente até que a menina alcançasse a maioridade. Logo que chegou lá, ele se livrou do noivado e se aboletou no cargo de rei de 1828 a 1832. Pedrão, furioso, passou o comando do Brasil para o filho, Pedro II, e se picou para a Europa, onde iniciou uma guerra civil para tirar seu irmão do trono. Em 1834, Miguel dançou de vez e abdicou em favor de Maria que, de cara, baixou uma lei expulsando o tio e proibindo qualquer descendente dele de pisar em Portugal.

tarde pela travessa da Trabuqueta, rente dum muro de quintal que uma parreira toldava, escoregou numa casca de laranja e desabou no lajedo. Da portinha da horta saía nesse momento um homem moreno, escanhado, de grosso casaco de baetão verde e botas altas de picador, que, galhofando e com uma força fácil, levantou o enorme Jacinto – até lhe apanhou a bengala de castão d'ouro que rolara para o lixo. Depois, demorando nele os olhos pestanudos e pretos:

– Ó Jacinto Galião, que andas tu aqui, a estas horas, a rebolar pelas pedras?

E Jacinto, aturdido e deslumbrado, reconheceu o snr. **Infante D. Miguel!**

Desde essa tarde amou aquele bom Infante como nunca amara, apesar de tão guloso, o seu ventre, e apesar de tão devoto o seu Deus! Na sala nobre da sua casa (à Pampulha) pendurou sobre os damascos o retrato do “seu Salvador”, enfeitado de palmitos como um retábulo, e por baixo a bengala que as magnânimas mãos reais tinham erguido do lixo. Enquanto o adorável, desejado Infante penou no desterro de Viena, o barrigudo senhor corria, sacudido na sua sege amarela, do botequim do Zé-Maria em Belém

à **botica** do Plácido nos Algibebes, a gemer as saudades do *anjinho*, a tramar o regresso do *anjinho*. No dia, entre todos bendito, em que a *Pérola* apareceu à barra com o Messias, engrinaldou a Pampulha, ergueu no Caneiro um monumento de papelão e lona onde D. Miguel, tornado S. Miguel, branco, d'auréola e asas de Arcanjo, furava de cima do seu corcel d'Alter o Dragão do Liberalismo, que se estorcias vomitando a Carta. Durante a guerra com o "outro, com o pedreiro-livre" mandava **recoveiros** a Santo Tirso, a S. Gens, levar ao Rei fiambres, caixas de doce, garrafas do seu vinho de Tarrafal, e bolsas de **retrós** atochadas de peças que ele ensaboava para lhes avivar o ouro. E quando soube que o snr. Miguel, com dois velhos baús amarrados sobre um **macho**, tomara o caminho de Sines e do final desterro – Jacinto *Galião* correu pela casa, fechou todas as janelas como num luto, berrando furiosamente:

– Também cá não fico! Também cá não fico!

Não, não queria ficar na terra perversa donde partia, **esbulhado** e escorraçado, aquele Rei de Portugal que levantava na rua os Jacintos! Embarcou para França com a mulher, a snra. D. Angelina Fafes (da tão falada casa dos Fafes da Avelã); com o filho, o Cintinho, menino amarelinho, molezinho, coberto de caroços e **leicencos**; com a aia e com o moleque. Nas costas da Cantábria o **paquete** encontrou tão rijos mares que a snra. D. Angelina, esguedelhada, de joelhos na enxerga do beliche, prometeu ao Senhor dos Passos d'Alcântara uma coroa d'espinhos, de ouro, com as gotas de sangue em rubis do **Pegu**. Em **Baiona**, onde arribaram, Cintinho teve icterícia. Na estrada d'Orleães, numa noite agreste, o eixo da **berlinda** em que jornadeavam partiu, e o nédio senhor, a delicada senhora da casa da Avelã, o menino, marcharam três horas na chuva e na lama do exílio até uma aldeia, onde, depois de baterem como mendigos a portas mudas, dormiram nos bancos duma taberna. No "Hotel dos Santos Padres", em Paris, sofreram os terrores dum fogo que rebentara na cavaliçã, sob o quarto de *D. Galião*, e o digno fidalgo, rebolando pelas escadas em **camisa**, até ao pátio, enterrou o pé nu numa lasca de vidro. Então ergueu amargamente ao Céu o punho cabeludo, e rugiu:

– *Irra! É demais!*

**Botica:** farmácia.

**E** Recoveiro é aquele que transportava carga em animais.

**Retrós:** fio de seda ou algodão.

**E** "Macho" aqui é "mula".

**Esbulhar:** tomar todos os bens de alguém.

**Leicenco:** furúnculo, infecção de pele.

**Paquete:** navio.

**8** Pegu é uma cidade da antiga Birmânia (hoje chamada Miamar).

**8** Baiona é uma cidade na costa norte da Espanha.

**Berlinda:** carruagem.

**E** Aqui era a "camisa de dormir", uma roupa comprida como uma camisola.

**E** Cartuxo é o seguidor dos preceitos do mosteiro francês Grande Chartreuse (em português, Grande Cartuxa).

**Caleça:** carruagem.

**8** Antes da água encanada, era preciso buscá-la em fontes ou chafarizes. O Alcolena era um desses pontos e existe até hoje em Lisboa.

**Círio:** vela.

**8** Golfo Juan é um balneário da Riviera Francesa – uma região à beira do mar Mediterrâneo.

**8** Arcachon é a praia oposta à Riviera Francesa. Era comum enviar pessoas com tuberculose para locais de clima mais ameno, acreditando que isso ajudaria na cura.

**Aferro:** dedicação.

Logo nessa semana, sem escolher, Jacinto *Galião* comprou a um príncipe polaco, que depois da tomada de Varsóvia se metera frade **cartuxo**, aquele palacete dos Campos Elísios, nº 202. E sob o pesado ouro dos seus estuques, entre as suas ramalhudas sedas se enconchou, descansando de tantas agitações, numa vida de pachorra e de boa mesa, com alguns companheiros d'emigração (o desembargador Nuno Velho, o conde de Rabacena, outros menores), até que morreu de indigestão, numa lampreia de escabeche que mandara o seu procurador em Montemor. Os amigos pensavam que a snra. D. Angelina Fafes voltaria ao reino. Mas a boa senhora temia a jornada, os mares, as **caleças** que racham. E não se queria separar do seu Confessor, nem do seu Médico, que tão bem lhe compreendiam os escrúpulos e a asma.

– Eu, por mim, aqui fico no 202 (declarara ela), ainda que me faz falta a boa água d'**Alcolena**... O Cintinho, esse, em crescendo, que decida.

O Cintinho crescera. Era um moço mais esguio e lívido que um **círio**, de longos cabelos corredios, narigudo, silencioso, encafudado em roupas pretas, muito largas e bambas; de noite, sem dormir, por causa da tosse e de sufocações, errava em camisa com uma lamparina através do 202; e os criados na copa sempre lhe chamavam a *Sombra*. Nessa sua mudez e indecisão de sombra surdita, ao fim do luto do papá, o gosto muito vivo de tornear madeiras ao torno: depois, mais tarde, com a melada flor dos seus vinte anos, brotou nele outro sentimento, de desejo e de pasmo, pela filha do desembargador Velho, uma menina redondinha como uma rola, educada num convento de Paris, e tão habilidosa que esmaltava, dourava, consertava relógios e fabricava chapéus de feltro. No outono de 1851, quando já se desfolhavam os castanheiros dos Campos Elísios, o Cintinho cuspih sangue. O médico, acarinhando o queixo e com uma ruga séria na testa imensa, aconselhou que o menino abalasse para o **golfo Juan** ou para as tépidas areias d'**Arcachon**.

Cintinho, porém, no seu **aferro** de sombra, não se quis arredar da Teresinha Velho, de quem se tornara, através de

Paris, a muda, **tardonha** sombra. Como uma sombra, casou; deu mais algumas voltas ao torno; cuspiu um resto de sangue; e passou, como uma sombra.

Três meses e três dias depois do seu enterro o meu Jacinto nasceu.

Desde o berço, onde a avó espalhava **funcho** e âmbar para afugentar a **Sorte-Ruim**, Jacinto **medrou** com a segurança, a rijeza, a seiva rica dum pinheiro das dunas.

Não teve sarampo e não teve lombrigas. As Letras, a Tabuada, o Latim entraram por ele tão facilmente como o sol por uma vidraça. Entre os camaradas, nos pátios dos colégios, erguendo a sua espada de lata e lançando um brado de comando, foi logo o vencedor, o Rei que se adula, e a quem se cede a fruta das merendas. Na idade em que se lê **Balzac e Musset** nunca atravessou os tormentos da sensibilidade; – nem crepúsculos quentes o retiveram na solidão duma janela, padecendo dum desejo sem forma e sem nome. Todos os seus amigos (éramos três, contando o seu velho escudeiro preto, o Grilo) lhe conservaram sempre amizades puras e certas – sem que jamais a participação do seu luxo as avivasse ou fossem desanimadas pelas evidências do seu egoísmo. Sem coração bastante forte para conceber um amor forte, e contente com esta incapacidade que o libertava, do amor só experimentou o mel – esse mel que o amor reserva aos que o recolhem, à maneira das abelhas, com ligeireza, mobilidade e cantando. Rijo, rico, indiferente ao Estado e ao Governo dos Homens, nunca lhe conhecemos outra ambição além de compreender bem as Ideias Gerais; e a sua inteligência, nos anos alegres de escolas e controvérsias, circulava dentro das Filosofias mais densas como enguia lustrosa na água limpa dum tanque. O seu valor, genuíno, de fino quilate, nunca foi desconhecido, nem desaparecido; e toda a opinião, ou mera **facécia** que lançasse, logo encontrava uma aragem de simpatia e concordância que a erguia, a mantinha embalada e rebrilhando nas alturas. Era servido pelas cousas com docilidade e carinho; – e não recordo que jamais lhe estalasse

**Tardonho:**  
lento, devagar.

**Funcho:** erva-doce.

**E** Outro nome para Diabo.

**Medrar:** crescer.



**f** Dois autores franceses. Balzac (à esquerda) é considerado um dos fundadores do Realismo. E Musset (à direita) foi um dos expoentes do Romantismo.

**Facécia:** piada.

Descrido: descrente.

8 Moeda utilizada na Espanha de 1869 a 2002, quando adotou-se o euro.

Sirga: cabo utilizado para rebocar barcos.

um botão da camisa, ou que um papel maliciosamente se escondesse dos seus olhos, ou que ante a sua vivacidade e pressa uma gaveta pérfida emperrasse. Quando um dia, rindo com **descrido** riso da Fortuna e da sua Roda, comprou a um sacristão espanhol um Décimo de Loteria, logo a Fortuna, ligeira e ridente sobre a sua Roda, correu num fulgor, para lhe trazer quatrocentas mil **pesetas**. E no céu as Nuvens, pejudas e lentas, se avistavam Jacinto sem guarda-chuva, retinham com reverência as suas águas até que ele passasse... Ah! O âmbar e o funcho da snra. D. Angelina tinham escorraçado do seu destino, bem triunfalmente e para sempre, a *Sorte-Ruim!* A amorável avó (que eu conheci obesa, com barba) costumava citar um soneto natalício do desembargador Nunes Velho contendo um verso de boa lição:

Sabei, senhora que esta Vida é um rio...

Pois um rio de verão, manso, translúcido, harmoniosamente estendido sobre uma areia macia e alva, por entre arvoredos fragrantes e ditosas aldeias, não ofereceria àquele que o descesse num barco de cedro, bem toldado e bem almofadado, com frutas e Champagne a refrescar em gelo, um Anjo governando ao leme, outros Anjos puxando à **sirga**, mais segurança e doçura do que a Vida oferecia ao meu amigo Jacinto.

Por isso nós lhe chamávamos “o Príncipe da Grã-Ventura”!

Jacinto e eu, José Fernandes, ambos nos encontramos e acamaradamos em Paris, nas Escolas do Bairro Latino – para onde me mandara meu bom tio Afonso Fernandes Lorena de Noronha e Sande, quando aqueles malvados me riscaram da Universidade por eu ter esborrachado, numa tarde de procissão, na Sofia, a cara sórdida do Dr. Pais Pita.

Ora nesse tempo Jacinto concebera uma Ideia... Este Príncipe concebera a Ideia de que o “homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado”. E por homem civilizado o meu camarada entendia aquele que, robustecendo a sua força pensante com todas as noções ad-

quiridas desde Aristóteles, e multiplicando a potência corporal dos seus órgãos com todos os mecanismos inventados desde **Terâmenes**, criador da roda, se torna um magnífico Adão, quase onipotente, quase onisciente, e apto portanto a recolher dentro duma sociedade, e nos limites do Progresso (tal como ele se comportava em 1875) todos os gozos e todos os proveitos que resultam de Saber e Poder... Pelo menos assim Jacinto formulava copiosamente a sua Ideia, quando conversávamos de fins e destinos humanos, sorvendo **bocks** poeirentos, sob o toldo das cervejarias filosóficas, no Boulevard Saint-Michel.

Este conceito de Jacinto impressionara os nossos camaradas de **cenáculo**, que tendo surgido para a vida intelectual, de 1866 a 1875, entre a **batalha** de Sadova e a batalha de Sedan, e ouvindo constantemente, desde então, aos técnicos e aos filósofos, que fora a **Espingarda de agulha** que vencera em Sadova e fora o Mestre de escola quem vencera em Sedan, estavam largamente preparados a acreditar que a felicidade dos indivíduos, como a das nações, se realiza pelo ilimitado desenvolvimento da Mecânica e da Erudição. Um desses moços mesmo, o nosso inventivo Jorge Carlande, reduzira a teoria de Jacinto, para lhe facilitar a circulação e lhe condensar o brilho, a uma forma algébrica:

$$\left. \begin{array}{l} \text{Suma ciência} \\ X \\ \text{Suma potência} \end{array} \right\} = \text{Suma felicidade}$$

E durante dias, do **Odeon à Sorbonne**, foi louvada pela mocidade positiva a *Equação Metafísica de Jacinto*.

Para Jacinto, porém, o seu conceito não era meramente metafísico e lançado pelo gozo elegante de exercer a razão especulativa: – mas constituía uma regra, toda de realidade e de utilidade, determinando a conduta, modalizando a vida. E já a esse tempo, em concordância com o seu preceito – ele se surtira da *Pequena Enciclopédia dos Conhecimentos Universais* em 75 volumes e instalara, sobre os telhados do

**g** Político e general grego dos mais controversos.

**E** Bock era um copo de cerveja de 250ml.

Cenáculo: grupo de pessoas com ideias em comum.

A Prússia entrou em guerra contra a Áustria em 1866. Em julho daquele mesmo ano garantiu a vitória na batalha de Sadova (vila que hoje fica em território tcheco). Anos mais tarde, se meteram noutra disputa, agora com a França. De novo venceram, dessa vez após uma batalha na cidade francesa de Sedan.

**E** A espingarda de agulha, criada pelo prussiano Johann Nikolaus von Dreyse, era carregada por trás e não mais pela frente. Corre a lenda que foi a responsável pela vitória da Prússia em Sadova.

**g** O Odeon é um teatro famoso de Paris, e a Sorbonne é uma respeitada universidade na mesma cidade.

Fiacre: carruagem que fazia o serviço de táxi.

Lesto: rápido, ligeiro.

8 Ernest Renan foi um francês expert em várias coisas: filosofia, história da religião, árabe e até mesmo hebraico.

202, num mirante envidraçado, um telescópio. Justamente com esse telescópio me tornou ele palpável a sua ideia, numa noite de agosto, de mole e dormente calor. Nos céus remotos lampejavam relâmpagos lânguidos. Pela Avenida dos Campos Elísios, os **fiacres** rolavam para as frescuras do Bosque, lentos, abertos, cansados, transbordando de vestidos claros.

– Aqui tens tu, Zé Fernandes, (começou Jacinto, encostado à janela do mirante) a teoria que me governa, bem comprovada. Com estes olhos que recebemos da Madre natureza, **lestos** e são, nós podemos apenas distinguir além, através da Avenida, naquela loja, uma vidraça alumiada. Mais nada! Se eu porém aos meus olhos juntar os dois vidros simples dum binóculo de corridas, percebo, por trás da vidraça, presuntos, queijos, boiões de geleia e caixas de ameixa seca. Concluo portanto que é uma mercearia. Obtive uma noção; tenho sobre ti, que com os olhos desarmados vês só o luzir da vidraça, uma vantagem positiva. Se agora, em vez destes vidros simples, eu usasse os do meu telescópio, de composição mais científica, poderia avistar além, no planeta Marte, os mares, as neves, os canais, o recorte dos golfos, toda a geografia dum astro que circula a milhares de léguas dos Campos Elísios. É outra noção, e tremenda! Tens aqui pois o olho primitivo, o da Natureza, elevado pela Civilização à sua máxima potência de visão. E desde já, pelo lado do olho portanto, eu, civilizado, sou mais feliz que o incivilizado, porque descubro realidades do Universo que ele não suspeita e de que está privado. Aplica esta prova a todos os órgãos e compreendes o meu princípio. Enquanto à inteligência, e à felicidade que dela se tira pela incansável acumulação das noções, só te peço que compares **Renan** e o Grilo... Claro é portanto que nos devemos cercar de Civilização nas máximas proporções para gozar nas máximas proporções a vantagem de viver. Agora concordas, Zé Fernandes?

Não me parecia irrecusavelmente certo que Renan fosse mais feliz que o Grilo; nem eu percebia que vantagem espiritual ou temporal se colha em distinguir através do espaço manchas num astro, ou através da Avenida dos Campos Elísios presuntos numa vidraça. Mas concordei, porque sou bom, e nunca desalojarei um espírito do conceito onde

ele encontra segurança, disciplina e motivo de energia. Desabotoei o colete, e lançando um gesto para o lado do café e das luzes:

– Vamos então beber, nas máximas proporções, *brandy and soda*, com gelo!

Por uma conclusão bem natural, a ideia de Civilização, para Jacinto, não se separava da imagem de Cidade, duma enorme Cidade, com todos os seus vastos órgãos funcionando poderosamente. Nem este meu supercivilizado amigo compreendia que longe de Armazéns servidos por três mil caixeiros; e de Mercados onde se despejam os **vergéis e lezírias** de trinta províncias; e de Bancos em que retine o ouro universal; e de Fábricas fumegando com ânsia, inventando com ânsia; e de Bibliotecas abarrotadas, a estalar, com a papitada dos séculos; e de fundas **milhas** de ruas, cortadas, por baixo e por cima, de fios de telégrafos, de fios de telefones, de canos de gases, de canos de fezes; e da fila **atroante** dos ônibus, **tramways**, carroças, **velocípedes**, calhambèques, **parelhas** de luxo; e de dois milhões duma vaga humanidade, fervilhando, a ofegar, através da Polícia, na busca dura do pão ou sob a ilusão do gozo – o homem do século XIX pudesse saborear, plenamente, a delícia de viver!

Quando Jacinto, no seu quarto do 202, com as varandas abertas sobre os lilases, me desenrolava estas imagens, todo ele crescia, iluminado. Que criação augusta, a da Cidade! Só por ela, Zé Fernandes, só por ela, pode o homem soberbamente afirmar a sua alma!...

– Ó Jacinto, e a religião? Pois a religião não prova a alma?

Ele encolhia os ombros. A religião! A religião é o desenvolvimento suntuoso de um instinto rudimentar, comum a todos os brutos, o terror. Um cão lambendo a mão do dono, de quem lhe vem o osso ou o chicote, já constitui toscamente um devoto, o consciente devoto, prostrado em rezas ante o Deus que distribui o céu ou o inferno!... Mas o telefone! O **fonógrafo**!

– Aí tens tu, o fonógrafo!... Só o fonógrafo, Zé Fernandes, me faz verdadeiramente sentir a minha superioridade de ser pensante e me separa do bicho. Acredita, não há senão a Cidade, Zé Fernandes, não há senão a Cidade!

**e** “Vergel” é pomar e “lezíria” é uma área próxima de rios muito boa para plantação.

**g** Medida de comprimento: 1 milha = 1.609 metros.

**Atroante**: algo que causa mal-estar.

**Tramway**: bonde.

**Velocípede**: bicicleta.

**Pareilha**: dupla de cavalos.



**f** Inventado em 1877 por Thomas Edison, o fonógrafo foi o primeiro aparelho capaz de gravar e reproduzir sons a partir de um cilindro.

Lume: fogo,  
fonte de luz.

Silvado: arbusto.

Faculdade: capacidade.

Seara: campo  
de plantação.

Reza a lenda que um lobo feroz vivia atormentando o povo de uma cidade na Itália. Um dia, São Francisco de Assis a visitou, ficou sabendo do lobo e resolveu ter uma conversa com o bicho. Ao encontrá-lo, viu que o lobo estava agressivo, mas Francisco disse que o pessoal topava alimentá-lo todo dia se ele parasse de matar os bichos e assustar o povo. O lobo aceitou a proposta e dali em diante vinha tranquilo, recebia a comida, dava no pé e só voltava no dia seguinte.

Engelhar: enrugar.

E depois (acrescentava) só a Cidade lhe dava a sensação, tão necessária à vida como o calor, da solidariedade humana. E no 202, quando considerava em redor, nas densas massas do casario de Paris, dois milhões de seres arquejando na obra da Civilização (para manter na natureza o domínio dos Jacintos!), sentia um sossego, um concheço, só comparáveis ao do peregrino, que, ao atravessar o deserto, se ergue no seu dromedário, e avista a longa fila da caravana marchando, cheia de **lumes** e de armas.

Eu murmurava, impressionado:

– Caramba!

Ao contrário no campo, entre a inconsciência e a impassibilidade da Natureza, ele tremia com o terror da sua fragilidade e da sua solidão. Estava aí como perdido num mundo que lhe não fosse fraternal; nenhum **silvado** encolheria os espinhos para que ele passasse; se gemesse com fome nenhuma árvore, por mais carregada, lhe estenderia o seu fruto na ponta compassiva dum ramo. Depois, em meio da Natureza, ele assistia à súbita e humilhante inutilização de todas as suas **faculdades** superiores. De que servia, entre plantas e bichos – ser um Gênio ou ser um Santo? As **searas** não compreendem as *Geórgicas*, e fora necessário o socorro ansioso de Deus, e a inversão de todas as leis naturais, e um violento milagre para que o **lobo** de Agubio não devorasse S. Francisco de Assis, que lhe sorria e lhe estendia os braços e lhe chamava “meu irmão lobo!” Toda a intelectualidade, nos campos, se esteriliza, e só resta a bestialidade. Nesses reinos crassos do Vegetal e do Animal duas únicas funções se mantêm vivas, a nutritiva e a procriadora. Isolada, sem ocupação, entre focinhos e raízes que não cessam de sugar e de pastar, sufocando no cáldido bafo da universal fecundação, a sua pobre alma toda se **engelhava**, se reduzia a uma migalha de alma, uma fagulhazinha espiritual a tremeluzir, como morta, sobre um naco de matéria; e nessa matéria dois instintos surdiam, imperiosos e pungentes, o de devorar e o de gerar. Ao cabo de uma semana rural, de todo o

seu ser tão nobremente composto só restava um estômago e por baixo um falo! A alma? Sumida sob a besta. E necessitava correr, reentrar na Cidade, mergulhar nas ondas **lustrais** da Civilização, para largar nelas a crosta vegetativa, e ressurgir reumanizado, de novo espiritual e Jacíntico!

E estas requintadas metáforas do meu amigo exprimiam sentimentos reais – que eu testemunhei, que muito me divertiram, no único passeio que fizemos ao campo, à bem amável e bem sociável floresta de **Montmorency**. Ó delícias d'**entremez**, Jacinto entre a Natureza! Logo que se afastava dos pavimentos de madeira, do **macadame**, qualquer chão que os seus pés calcassem o enchia de desconfiança e terror. Toda a relva, por mais **crestada**, lhe parecia ressumar uma umidade mortal. De sob cada torrão, da sombra de cada pedra, receava o assalto de **lacraus**, de víboras, de formas rastejantes e viscosas. No silêncio do bosque sentia um lúgubre despovoamento do Universo. Não tolerava a familiaridade dos galhos que lhe roçassem a manga ou a face. Saltar uma sebe era para ele um ato degradante que o retrogradava ao macaco inicial. Todas as flores que não tivesse já encontrado em jardins, domesticadas por longos séculos de servidão ornamental, o inquietavam como venenosas. E considerava duma melancolia **funambulesca** certos modos e formas do Ser inanimado, a pressa esperta e vã dos regatinhos, a careca dos rochedos, todas as contorções do arvoredo e o seu resmungar solene e tonto.

Depois duma hora, naquele honesto bosque de Montmorency, o meu pobre amigo abafava, apavorado, experimentando já esse lento minguar e sumir d'alma que o tornava como um bicho entre bichos. Só desanuviou quando penetramos no lajedo e no gás de Paris – e a nossa vitória quase se despedaçou contra um ônibus retumbante, atulhado de cidadãos. Mandou descer pelos Boulevards, para dissipar, na sua grossa sociabilidade, aquela materialização em que sentia a cabeça pesada e vaga como a dum boi. E **reclamou** que eu o acompanhasse ao teatro das Variedades para sacudir, com os estribilhos da **Femme à Papa**, o rumor importuno que lhe ficara dos melros cantando nos choupos altos.

Este delicioso Jacinto fizera então vinte e três anos, e era um soberbo moço em quem reaparecera a força dos velhos Ja-

Lustral: purificador.

8 Montmorency é uma cidade próxima a Paris, França.

Entremez: coisa ridícula.

6 Macadame é um tipo de calçamento de rua feito com areia grossa e pedrinhas.

Crestado: queimado, tostado.

Lacrau: escorpião.

Funambulesco: extravagante, excêntrico.

Reclamar: pedir.

8 Título de uma opereta – um tipo de teatro muito popular na França à época que misturava canto, diálogo e dança.



cintos rurais. Só pelo nariz, afilado, com narinas quase transparentes, duma mobilidade inquieta, como se andasse fariscando perfumes, pertencia às delicadezas do século XIX. O cabelo ainda se conservava, ao modo das eras rudes, crespo e quase **lanígero**; e o bigode, como o dum Celta, caía em fios sedosos, que ele necessitava aparar e frisar. Todo o seu **fato**, as espessas gravatas de cetim escuro que uma pérola prendia, as luvas de anta branca, o verniz das botas, vinham de Londres em caixotes de cedro; e usava sempre ao peito uma flor, não natural, mas composta destramente pela sua **ramalheteira** com pétalas de flores dessemelhantes, cravo, azaleia, orquídea ou tulipa, fundidas na mesma haste entre uma leve folhagem de funcho.

Em 1880, em fevereiro, numa cinzenta e arrepiada manhã de chuva, recebi uma carta de meu bom tio Afonso Fernandes, em que, depois de lamentações sobre os seus setenta anos, os seus males hemorroidais, e a pesada gerência dos seus bens “que pedia homem mais novo, com pernas mais rijas” – me ordenava que recolhesse a nossa casa de Guiães, no Douro! Encostado ao mármore partido do fogão, onde na véspera a minha Nini deixara um espartilho embrulhado no *Jornal dos Debates*, censurei severamente meu tio que assim cortava em botão, antes de desabrochar, a flor do meu Saber Jurídico. Depois num Post Scriptum ele acrescentava: – “O tempo aqui está lindo, o que se pode chamar de rosas, e tua santa tia muito se recomenda, que anda lá pela cozinha, porque vai hoje em trinta e seis anos que casamos, temos cá o **abade** e o Quintais a jantar, e ela quis fazer uma **sopa dourada**”.

Deitando uma **acha** ao lume, pensei como devia estar boa a sopa dourada da tia Vicência. Há quantos anos não a provava, nem o leitão assado, nem o arroz de forno da nossa casa! Com o tempo assim tão lindo, já as mimosas do nosso pátio vergariam sob os seus grandes cachos amarelos. Um pedaço de céu azul, do azul de Guiães, que outro não há tão lustroso e macio, entrou pelo quarto, alumiou, sobre a puída tristeza do tapete, relvas, ribeirinhos, malmequeres e flores de trevo de que meus olhos andavam aguados. E, por entre as **bambinelas** de sarja, passou um ar fino e forte e cheiroso de serra e de pinheiral.

**Lanígero:** que produz lã.

**E** Em Portugal, “fato” é roupa. Lá se usa “fato de banho” para roupa de banho ou “guarda-fato” para guarda-roupa.

**Ramalheteiro:** florista.

**Abade:** padre.

**t** A sopa dourada na verdade é uma sobremesa: rabanada servida em creme à base de gemas.

**Acha:** lenha.

**Bambinela:** cortina.

Peúga: tipo de meia.

Assobiando um *fado* meigo tirei debaixo da cama a minha velha mala, e meti solicitamente entre calças e **peúgas** um *Tratado de Direito Civil*, para aprender enfim, nos vagares da aldeia, estendido sob a faia, as leis que regem os homens. Depois, nessa tarde, anunciei a Jacinto que partia para Guiães. O meu camarada recuou com um surdo gemido de espanto e piedade:

– Para Guiães!... Oh Zé Fernandes, que horror!

E toda essa semana me lembrou solicitamente confortos de que eu me deveria prover para que pudesse conservar, nos ermos silvestres, tão longe da Cidade, uma pouca d'alma dentro dum pouco de corpo. “Leva uma poltrona! Leva a *Enciclopédia Geral!* Leva caixas de aspargos!...”

Mas para o meu Jacinto, desde que assim me arrancavam da Cidade, eu era arbusto desarraigado que não reviverá. A mágoa com que me acompanhou ao comboio conviria excelentemente ao meu funeral. E quando fechou sobre mim a portinhola, gravemente, supremamente, como se cerra uma grade de sepultura, eu quase soluzei – com saudades minhas.

Cheguei a Guiães. Ainda restavam flores nas mimosas do nosso pátio; comi com delícias a sopa dourada da tia Vicência; de tamancos nos pés assisti à ceifa dos milhos. E assim de colheitas a lavras, crestando ao sol das eiras, caçando a perdiz nos matos geados, rachando a melancia fresca na poeira dos arraiais, arranchando a magustos, serandando à candeia, atijando fogueiras de S. João, enfeitando presépios de Natal, por ali me passaram docemente sete anos, tão atarefados que nunca logrei abrir o *Tratado de Direito Civil*, e tão singelos que apenas me recordo quando, em vésperas de S. Nicolau, o abade caiu da égua à porta do Brás das Cortes. De Jacinto só recebia raramente algumas linhas, escrevinhadas à pressa por entre tumulto da Civilização. Depois, num setembro muito quente, ao lidar da **vindima**, meu bom tio Afonso Fernandes morreu, tão quietamente, Deus seja louvado por esta graça, como se cala um passarinho ao fim do seu bem cantado e bem voado dia. Acabei pela aldeia a roupa do luto. A minha afilhada Joaninha casou na matança do porco. Andaram obras no nosso telhado. Voltei a Paris.

Vindima: colheita de uvas.